
Camões poeta e viajante

Camões poet and traveller

Rita Marnoto

*Universidade de Coimbra /
Centre International d'Études Portugaises de Genève*

DOI

<https://doi.org/10.37508/rcl.2025.nEsp.a1360>

RESUMO

Este artigo detém-se sobre a associação entre erudição e experiência em Luís de Camões. Considera, pois, que a formação intelectual do poeta teria ocorrido no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, e que a sua estadia no Oriente teria sido estimulada por um forte desejo de indagar o mundo. Como exemplo, toma os seus conhecimentos acerca de uma planta cultivada numa ilha das Molucas.

PALAVRAS-CHAVE: Luís de Camões; Formação intelectual; Experiência; Viagens.

ABSTRACT

This article focuses on the association between erudition and experience in Luís de Camões. It considers that the poet's intellectual formation would have taken place in the Monastery of Santa Cruz in Coimbra, and that his stay in the Orient would have been stimulated by a strong desire for knowledge. As an example, is taken his knowledge of a plant grown on an island in the Moluccas.

KEYWORDS: Luís de Camões; Intellectual formation; Experience; Travels.

ESTUDO, EXPERIÊNCIA, ENGENHO

Luís de Camões é um poeta excepcional em vários sentidos, mas há um que eu entendo ser verdadeiramente fulcral. Não tenho conhecimento de outro grande poeta do século XVI que aliasse um tamanho saber livresco a uma experiência de viagem e a um traquejo de navegação oceânica tão amplo. Estão *Os Lusíadas* prestes a terminar, e é o próprio autor quem no-lo recorda:

Nem me falta na vida honesto estudo
Com longa experiência misturado,
Nem engenho que aqui vereis presente,
Coisas que juntas se acham raramente.
(*Lus.*, X, 154. 5-8).

Bem se pode compreender o orgulho com que o épico, precisamente na antepenúltima estância de *Os Lusíadas*, chama à ribalta o seu *honesto estudo*, a sua *longa experiência* e o seu *engenho*, intimamente entrecruzados – erudição, traquejo de vida e de viagem, talento.

Há mesmo que admitir, na senda dos escólios aposto a estes versos por Roberto Gigliucci, na edição comentada e acompanhada de tradução para italiano dos *Classici Bompiani*, que por *honesto estudo* se entenda a aplicação ao saber que dá honra a quem a tal se dedica (Camões, 2021, p. 1262, n. 691)¹. Essa leitura torna ainda mais estreitos os elos que ligam o *estudo*, a *experiência* e as capacidades poéticas do *engenho*.

Luís de Camões não podia estar mais certo: esses são dotes que raramente se encontram associados.

¹ O crítico recorda o significado de “honesto” como “digno de honra”, e evoca Horácio (*Epist.* 1.2.35 *et seq.*).

VIAJAR, NARRAR

Existem alguns documentos de arquivo acerca da vida do poeta e da sua família que foram compilados pelo Visconde de Juromenha no século XIX (Juromenha, 1860, v. 1, p. 165-173), e que têm vindo a ser estudados e explorados. Um deles é a Carta de perdão de 7 de março de 1553, uma peça que transmite informação fundamental. O indulto tem por precedente a infração cometida por Camões, que se envolvera numa rixa ocorrida no coração de Lisboa a 16 de junho do precedente ano de 1552². Mas vamos aos factos.

Era o dia da festa do Corpus Christi, a solenidade religiosa que assinala a eucaristia, ou seja, o santíssimo sacramento do corpo e do sangue de Cristo. O encarregado dos arreios do rei D. João III percorria a cavalo a Rua de Santo Antão, uma artéria central da cidade. Dois homens mascarados ladearam-no, e começaram a zombar e a brigar com o serviçal do monarca, cujo estatuto de arreeiro tinha, aliás, o seu valor. Foi então que Camões interveio, de cara destapada. Reconheceu os arruaceiros como seus amigos, apesar de se encontrarem encapuçados, e defendeu-os, tendo ferido Gonçalo Borges com um golpe no pescoço.

Assim esteve Luís de Camões preso na cadeia do Tronco, em Lisboa, durante cerca de nove meses. Na prisão, as condições eram deploráveis, em particular pela acumulação de pessoas e pelo grau de insalubridade.

Nesse quadro, a Carta de Perdão contém indícios de uma certa compreensão pela situação do poeta. Gonçalo Borges, o visado, perdoa-lhe. Os quatro mil réis para obras de piedade requeridos como

² O que não isenta a Carta de Perdão das reservas expressas por Maria Clara Pereira da Costa (1979-1980, p. 12 *et seq.*), que admite homonímia. Para a transcrição, ver José Pereira da Costa (2005).

condição para o indulto, uma prática que era corrente na época, são pagos. Recomenda-se ainda que Luís de Camões não seja de novo preso, até à sua anunciada partida para terras orientais.

Daí se conclui que a ida de Camões para a Índia não foi um castigo ou um exílio imposto, mas uma decisão tomada pelo próprio, que já tinha estado em Ceuta, no Norte de África. Uma decisão ponderada, de alguém que certamente queria mudar de rumo de vida, e que desejava satisfazer uma grande curiosidade pelo que ficava para além da Europa: geografias, populações, mares, céus, plantas, animais. A sua estadia pelo Oriente durou cerca de dezassete anos. Sentiu, a baterem-lhe no rosto, a suavidade dos ventos alíseos, a humidade das monções ou a tempestuosidade dos tufões. Viu o Cruzeiro do Sul, a Hidra, o Centauro.

Afinal, a viagem descrita por Camões até à Índia foi a mesma que Vasco Gama fora o primeiro europeu a fazer, pioneiramente, bordejando a costa ocidental de África, dobrando o Cabo Bojador, e continuando a seguir a costa oriental desse continente até Melinde e até à altura de rumar a Nordeste, aproveitando os ventos. Esse é o percurso que Camões descreve nas estâncias de *Os Lusíadas*. “Descrever” encontra-se então vinculado a dois sentidos complementares, o de viajar e o de narrar. Camões descreveu a viagem até à Índia como viajante e como poeta. Nesse plano, já Helder Macedo (2013)³ notou, com a sua habitual fineza, que o protagonista de *Os Lusíadas* é Camões, mostrando quão próximo autor e obra se encontram.

³ “Na verdade, como já tem sido afirmado, mas, parece-me, nunca inteiramente explicado em termos de uma necessidade estrutural do poema, *Os Lusíadas* é porventura o poema épico onde a presença pessoal do autor mais vivamente se faz sentir” (Macedo, 2013, p. 11). Ver também Macedo (*apud* Camões, 2023, p. 11-29).

A FORMAÇÃO DE CAMÕES

Passemos então à questão da portentosa cultura do poeta, o *honesto estudo* que aliava à *longa experiência*.

A obra de Camões mostra um conhecimento assombroso dos grandes autores da literatura antiga, dos teólogos medievais, de poetas e prosadores da literatura portuguesa, da literatura italiana ou da literatura espanhola, em particular Boscán, Garcilaso, Dante, Petrarca e os humanistas italianos. Não será despiciendo que nos perguntemos onde teria adquirido todo esse saber livresco.

A sua memória permitiu-lhe guardar na mente um extraordinário leque de escritores. Tê-los-ia estudado em tenra idade, continuando a consolidar essa capacidade de os recordar ao longo da vida. Não restam dúvidas de que fosse um exímio conhecedor da língua latina. Quanto ao grego, por entre opiniões divergentes, valha a de Américo da Costa Ramalho, quando escreve: “Camões algum grego sabia” (Ramalho, 1992, p. 124).

Contudo a sua obra não se limita a oferecer-nos um manancial de reenvios para autores da Antiguidade e do Humanismo. Mais do que isso, o modo como retoma e modela essas fontes revela uma profunda capacidade de penetração na sua letra.

Num plano mais abrangente, a formação de Camões enquadrava-se perfeitamente no programa de educação da nobreza que fora promovido a partir do reinado de D. João II.

A evolução sofrida por esse panorama levou a que, nas décadas de 1530 e de 1540, a cultura humanista passasse a ser difundida, em Portugal, por alguns centros de erudição que abriram as suas portas a jovens de vários estratos da aristocracia, ávidos recetores do novo magistério. De entre esses centros, destacava-se o polo de Coimbra, pela solidez e pelo alto nível do ensino ministrado.

Não se conhece, porém, qualquer registo académico que ateste a presença de Luís de Camões na Universidade, num colégio ou em qualquer outra instituição. Os fatores que levam a admitir que o poeta estudou em Coimbra, no Mosteiro de Santa Cruz, são de natureza indiciária, implicando três planos.

Em primeiro lugar, Coimbra afigura-se como o polo epocal mais claramente compatível com o seu alfofre de saber. A única biblioteca material, existente em território português, suscetível de corresponder à biblioteca mental de Camões, é a do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Os largos horizontes de D. Telo, arcediogo da Sé de Coimbra e peregrino a Jerusalém entre 1104 e 1108, vincularam o mosteiro, desde a sua fundação, em 1131, a modelos monásticos de elevado padrão cultural. A sua livraria contava-se, de facto, entre as mais ricas da Europa

Em segundo lugar, o poeta maneja fontes literárias que apenas existiam no acervo do Mosteiro dos Cónegos Regrantes de Santa Cruz (Ramalho, 2013, p. 139-160). Nela se encontravam manuscritos, alguns dos quais só mais tarde foram impressos, que Camões conhecia, porque os tomou como fonte da sua obra.

Em terceiro lugar, D. Bento de Camões, prior do mosteiro de Santa Cruz e chanceler da Universidade a partir do momento em que a instituição se transferiu para Coimbra, era tio do poeta (Albuquerque, 1988, p. 78-87). Efetivamente, não só coordenava a atividade dos vários colégios instalados na cidade, como conferia os graus académicos, ou em nome do Papa (Teologia, Cânones), ou em nome do Rei (Leis, Medicina, Filosofia).

Na obra de Luís de Camões, o saber erudito e a experiência podem ser referidos juntos ou separados, mas nunca em oposição. Efetivamente, são sempre entendidos como complementares, pois vão

sendo construídos através de uma reciprocidade que os coloca num horizonte coincidente, cujos polos se sustentam mutuamente.

CAMÕES E O ORIENTE

O saber detido por Camões, no domínio da astronomia, da zoologia, da geografia ou da cartografia, já foi explanado em relevantes estudos de especialidade. Assim aconteceu também no domínio da botânica. O conde de Ficalho dedicou ao assunto uma célebre monografia, no século XIX (Ficalho, 1880). Em tempos mais próximos, o âmbito dessa pesquisa tem vindo a ser substancialmente alargado pelos recentes estudos do insigne botânico Jorge Paiva (2015)⁴.

Um fator diferencial desde logo foi notado por esse estudioso: as plantas que Camões refere na lírica são tendencialmente europeias, ao passo que as que menciona em *Os Lusíadas* integram, na maior parte das vezes, o herbário oriental. Por conseguinte, é sintomático que, neste segundo caso, não se integrem na flora das terras do sol nascente as espécies vegetais que enquadram dois episódios: o episódio de Inês de Castro e o episódio da Ilha de Vénus. O primeiro tem por cenário Coimbra e o Rio Mondego, o segundo um lugar da ficção literária. Quer isto dizer que, por um lado, o poeta associou genericamente a flora dos entrecos do seu poema épico às suas vivências orientais; por outro lado, enquadrou Inês de Castro no quadro natural das margens do Mondego, que aliás podia ser também o de outro rio dessa zona da Beira, respeitando a história; e esquiçou o imaginário de uma ilha do país da fantasia no seu país natal.

Luís de Camões seria amigo próximo do médico Garcia de Orta, o autor dos famosos *Colóquios dos simples e drogas*, publicados em

⁴ Agradeço a Jorge Paiva a partilha dos resultados das pesquisas mais recentemente realizadas, que vão bem para além do referido trabalho de 2015, e que se encontram em curso de publicação.

Goa no ano de 1563⁵. É uma obra radicalmente inovadora, enquanto primeiro tratado exclusivamente dedicado às plantas do Oriente e ao seu uso medicinal. Teve uma fama vastíssima, com edições e epítomes em várias línguas. As afinidades entre Garcia de Orta e Luís Camões são atestadas pela publicação, nas páginas iniciais dos *Colóquios dos simples e drogas*, da ode encomiástica *Aquele único exemplo*, por sinal o primeiro poema de Camões a sair em letra de forma (Camões, 2024, p. 121-136). Celebra D. Francisco Coutinho, III Conde do Redondo, que então era Vice-Rei da Índia.

Nos *Colóquios*, Garcia de Orta descreve a noz moscada como proveniente de uma árvore do tamanho de uma pereira ou de um pessegueiro, mais dura do que a pera, semelhante a um bugalho (Orta, 1563, f. 129r-132r). O fruto que o físico de D. João III conhecia vinha de paragens longínquas, uma Ilha de Banda, no Mar de Java. Para chegar a Goa em boas condições, sendo o percurso marítimo longo, tornava-se necessário transportá-lo em jarros com vinagre.

Camões também conhecia a noz moscada. Contudo, a sua descrição, nos termos em que é feita nos quatro versos de uma estância do décimo canto, mostra que viu mais do que o fruto que chegava a Goa assim conservado:

Olha de Banda as ilhas que se esmaltam
Da vária cor que pinta o roxo fruto,
As aves variadas que ali saltam,
Da verde noz tomando seu tributo.
(*Lus.*, X, 133, 1-4).

⁵ Garcia de Orta (1501-1568), nascido em Castelo de Vide no seio de uma família de cristãos novos, estudou medicina, como era típico desse grupo social, tendo frequentado as universidades de Salamanca e de Alcalá de Henares. Foi físico de D. João III e, em 1534, partiu para Goa, onde veio a falecer.

Garcia de Orta não refere as aves em torno dos frutos, que se alimentavam deles, sendo dispersoras dos frutos e sementes desta planta. João de Barros também refere a noz moscada, mas comparando a sua cor à do pêssego, como Garcia de Orta (Gigliucci *apud* Camões, 2022, p. 1256, n. 613). Daqui conclui Jorge Paiva que Camões observou efetivamente a planta da noz moscada.

Até ao século XIX, essa planta só era cultivada em Banda, nas Molucas, que tinha condições únicas para tal, em virtude das características do seu solo vulcânico. Os portugueses chegaram a Banda em 1512, ao tempo de Afonso de Albuquerque⁶. Daqui se pode, pois, deduzir que o poeta viajou pelas Molucas, tendo transferido a sua experiência de viajante para *Os Lusíadas*, ao descrever a noz moscada.

REGRESSO A LISBOA

Banda mantinha contactos comerciais privilegiados com Java, e Camões, para chegar a Banda, devia ter atravessado o Mar de Java.

Quem sabe, então, se aquela história que reza que, quando voltou para Lisboa, trazia consigo um escravo chamado Jau poderá ter a sua veracidade. Com efeito, “jau” é a forma abreviada da palavra “javanês”.

Para Faria e Sousa, Jau é uma das peças do biografismo camoniano que mais alto lhe permite elevar o *pathos* da miséria em que imagina que Camões terá acabado os seus dias. Pedia esmola à noite, a fim de conseguir algumas moedas para sustentar o poeta:

fuerõ tan exorbitantes el descuido y la miseria de los Señores Portugueses, que a un ombre de tal calidad, con tales partes empleadas en honrarlos, dexaron en las manos de la mayor necesidad a que

⁶ A ocupação portuguesa foi breve, logo se lhe tendo seguido a holandesa, que durou até meados do século XX, monopolizando o comércio da noz moscada.

se pudo ver reduzido un tal merecimiento. Llegó a la de vivir de limosna, y pediala de noche para él un esclavo, cuyo nombre era Antonio natural de la Java (Sousa, 1685, v. 1, Vida del poeta, § 28).

Concomitantemente, a estranheza do escravo, vindo de territórios quase antípodas de Portugal, é aplanada. Dessa feita, não podemos deixar de reconhecer uma marca ideológica que requer a assimilação da alteridade. No relato de Faria e Sousa, e depois de outros biógrafos, o escravo passa a ter um nome que o integra na cultura ocidental, António.

O Romantismo, em particular, projetou no tempo essa mesma imagem do piedoso escravo Jau, amparo de um Camões velho e doente. Domingos de Sequeira, no célebre quadro a óleo *A morte de Camões*, que atualmente apenas se conhece através do seu desenho preparatório⁷, esboça os últimos momentos de vida do poeta em tons cavernosos. A única figura que lhe assiste, no seu leito de morte, tem vindo a ser identificada como tratando-se de Jau.

As imagens padronizadas e os estereótipos que se acumulam na biografia de Camões dizem mais, tantas vezes, sobre quem as elabora, do que sobre o biografado (Marnoto, 2007). Nesse contexto, seria extremamente arriscado asseverar se esse escravo alguma vez existiu ou não, se ele se chamaria Jau ou António.

Quem andar a caminhar por Lisboa e apreciar lugares pitorescos, não perca a oportunidade de dar um passeio até Alcântara. Numa cortada da Calçada da Tapada, encontrará uma placa que sinaliza a Rua de Jau: remissão da prática escravagista, memória e celebração de uma figura de papel, ou talvez do seu patrono, Luís de Camões,

⁷ O original foi exposto em Paris e muito apreciado. Sabe-se que esteve em posse dos Orléans, que cruzam com a descendência do Imperador Pedro II do Brasil, mas atualmente desconhece-se o seu paradeiro.

e do seu *honesto estudo*, da sua *longa experiência* e do seu *engenho*, entrecruzados através dos séculos, até hoje.

RECEBIDO: 27/01/2025

APROVADO: 02/02/2025

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Martim de. *A expressão do poder em Luís de Camões*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1988.

CAMÕES, Luís de. *A global poet for today*. 2. ed. Edição de Helder Macedo; Thomas Earle. Lisbon: Diluvio, 2023.

CAMÕES, Luís de. *I Lusiadi*. Coordinamento, testo e introduzione Rita Marnoto, traduzione e note Roberto Gigliucci. Firenze, Milano: Giunti, Bompiani, 2022.

CAMÕES, Luís de. *Odi*. Edição crítica de Barbara Spaggiari. Genève: Centre International d'Études Portugaises de Genève, 2024.

CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Apresentação Rui Vieira de Castro. Edição de Rita Marnoto. [Porto]: Universidade do Minho, Edições Kalandraka, 2021.

COSTA, José Pereira da. Luís de Camões e outros. *Islenha*, Funchal, n. 36, p. 42-63, 2005.

COSTA, Maria Clara Pereira da. O enquadramento social da família Camões na Lisboa do século XVI. *Olisipo*, Lisboa, ano 42-43, n. 142-143, p. 5-57, 1979-1980.

FARIA E SOUSA, Manuel de. *Rimas varias de Luis de Camões*. 2 v. Madrid: Imprenta de Theotonio Damaso de Mello, 1685-1689.

FICALHO (Conde de). *Flora dos Lusíadas*. Lisboa: Academia Real das Ciências, 1880.

JUROMENHA (Visconde de,) (ed.). Luís de Camões. *Obras*. Precedidas de um ensaio biográfico [...], 6 v. Lisboa: Imprensa Nacional, 1860-1870. (v. 7, inc., 1924).

MACEDO, Helder. *Camões e a viagem iniciática*. Lisboa: Abysmo, 2013.

MARNOTO, Rita. Camões. Quem é quem. In: MARNOTO, Rita. *Sete ensaios camonianos*. Coimbra: CIEC, 2007. p. 107-140.

ORTA, Garcia de. *Colóquios dos simples e drogas*. Goa: Ioannes de Endem, 1563.

PAIVA, Jorge de. As plantas na obra poética de Camões (épica e lírica). *In: ANDRADE, António Manuel Lopes; MORA, Carlos Miguel; TORRÃO, João Manuel Nunes (Coord). Humanismo e ciência. Antiguidade e Renascimento*. Aveiro, Coimbra, São Paulo: UA Editora, IUC, Annablume, 2015. p. 95-139.

RAMALHO, Américo da Costa. *Camões no seu tempo e no nosso*. Coimbra: Almedina, 1992.

RAMALHO, Américo da Costa. *Para a história do Humanismo em Portugal*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013. v. 5.

MINICURRÍCULO

RITA MARNOTO é Professora Catedrática da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e Diretora do curso de Doutoramento em Línguas Modernas. Dedicou-se ao estudo da literatura italiana, da literatura portuguesa e das relações entre as duas literaturas. Desempenhou vários cargos de gestão universitária, tendo sido membro da direção de duas unidades orgânicas de cariz interdisciplinar, o Instituto de Investigação Interdisciplinar e o Colégio das Artes. Dirigiu projetos de investigação sobre Luís de Camões e colaborou em vários projetos internacionais. Mais recentemente, preparou quatro edições de *Os Lusíadas*, esclarecendo questões que se arrastavam desde o século XVII. Recebeu o título honorífico de “Grande Ufficiale della Repubblica”, o “Premio Flaiano per l’Italianistica” e o “Prémio Publicações Internacionais” da FLUC. É Vice-Diretora do “Centre International d’Études Portugaises de Genève” e é membro da Comissão Nacional para as celebrações dos 100 anos do nascimento de Pier Paolo Pasolini.